

MULHER - VIOLÊNCIA

CIDADES

MEDO

Pelo menos três mulheres por dia apanham de seus maridos, no DF. Especialistas preparam campanha para reduzir a violência doméstica

A guerra de Rosa pela paz

FÁBIO GÓIS E MARCELA DUARTE

DA EQUIPE DO CORREIO

Rosa*, 40 anos é uma foragida. Vive escondida na Casa Abrigo, instituição criada para acolher vítimas da violência doméstica. Dos oito filhos, seis foram com Rosa. Os outros dois continuaram com o marido, no endereço para onde ela não quer mais voltar. Para ela, seu lar jamais foi cenário de aconchego, mas de brigas, surras e humilhação. "Já perdi as contas de quantas vezes tirei facas e facões debaixo do travesseiro dele, enquanto ele dormia", lembra apavorada.

Na noite de terça-feira, Rosa decidiu procurar ajuda, depois de 15 anos de sofrimento. "Pela primeira vez decidi sair de casa. Ele expulsou meus filhos e não vou admitir ficar longe deles. Só estou viva por meus filhos", desabafou. Rosa conta que o dia mais sofrido de sua vida foi em 2002, quando levou uma pancada na cabeça com uma barra de ferro. "Senti tanta dor que corri para a rua e me joguei na frente de um carro para ser atropelada e morrer de uma vez. O carro desviou, não me matou eu fiquei desesperada", lembra com pavor.

Ainda sem saber o que vai acontecer com ela e seus filhos e nem para onde vão, Rosa ainda aposta na denúncia. "Só tenho a dizer que se eu tivesse procurado a polícia na primeira surra que

leve seria diferente. Quando ele não estava bêbado, não me batia, dizia que ia mudar e eu acreditava. Nós ficávamos bem e eu tinha mais um filho com ele", conta Rosa ao lembrar dos filhos, gêmeos, de 1 ano.

Guerreiras como Rosa terão uma semana especial no mês

DEPOIMENTO

"Mulher minha sou eu quem mando", é isso o que eles dizem. Não admitem que a mulher desfaça o casamento. Eles não encaram a separação naturalmente. Vêm como traição. Eles se julgam senhores, donos dos direitos da mulher e da ex-mulher. A Lei Maria da Penha é importante. Mas uma coisa é a lei, a outra é a prática. Temos igualdade só na lei. A maioria dos maridos exige que mulher não trabalhe fora. O cérebro atrofia com o desuso, sem o trabalho. Elas ficam em casa assistindo novela e fazendo comida. A cintura engrossa, os seios caem e o marido arruma outra. E o marido enquanto gosta da mulher gosta dos filhos.

É preciso haver uma mudança cultural, a valorização da mulher, do serviço doméstico. A mulher é culpada também. As músicas falam de "bunda, das cachorras, das preparadas, mulher é tudo vaca". Elas se conformam com isso. E os comerciais vendem a imagem de perfeição ideal que não existe na prática. Os maridos vêem as próprias mulheres como feias, gordas. E muito poucas chegam à idade da Vera Fischer com aquele corpo. As modelos têm a indústria de rejuvenescimento a seu favor, que não está acessível às mulheres comuns. Elas envelhecem, enquanto a TV mostra mulheres lindas, como um ideal a ser perseguido. As que não conseguem são objetos de piada e discriminação. A Indústria da Moda não valoriza o gordo.

Maria José Miranda, Promotora do Tribunal de Júri do DF

que vem. O Conselho dos Direitos da Mulher fará entre 5 e 9 de março o lançamento da cartilha sobre seus programas, numa tentativa de conscientizar cidadãs com histórias parecidas com a de Rosa a denunciar seus agressores. Haverá também explicações sobre a Lei Maria da

Penha, nova legislação de defesa dos direitos femininos. A iniciativa pertence ao calendário de comemorações de 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

No Distrito Federal, três mulheres apanham por dia de maridos, companheiros e filhos. Entre as comemorações, também será lançada uma campanha para doações de roupas, sapatos e móveis para as mulheres e crianças acolhidas na Casa Abrigo. Só na semana passada havia 19 cidadãs na instituição. Quase todas cansaram de apanhar de seus companheiros e fugiram de suas antigas residências apenas com os filhos e a roupa do corpo. Agora, precisam de tudo, de vestidos a geladeiras, para reconstituir a vida.

"Os móveis são para mulheres que precisam deixar a Casa Abrigo e refazer a vida em outro lugar e não tem dinheiro para montar uma casa", explica Vera Lima, coordenadora da instituição. Além da agonia de deixar suas residências, um passado de dor, e a agonia de um futuro incerto, as mulheres com meninos maiores de 12 anos sofrem mais. A Casa Abrigo não permite a permanência dos adolescentes. "Além de mulheres e crianças recebemos também, garotas que estão em situação de risco. A medida é necessária para resguardá-las de outro envolvimento amoroso quando estão fragilizadas", explica Vera Lima.

* Nome fictício

Monique Renne/Especial para o CB - 8/2/07



ROSA E OS FILHOS, NOS JARDINS DA CASA ABRIGO: DEPOIS DE 15 ANOS DE VIOLÊNCIA, A MULHER CARREGOU AS CRIANÇAS, FUGIU DO LAR E LARGOU O MARIDO